



## **Atribuições das Rádios Comunitárias Brasileiras e as Contribuições Educomunicativas do Programa Uma Hora de Conversa da Rádio Ariús FM em Campina Grande – PB<sup>1</sup>**

Edielson Ricardo da SILVA<sup>2</sup>

Noujain PEREIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

### **RESUMO:**

Este trabalho vem discutir a relação entre a cidadania e políticas públicas dentro do contexto de uma rádio localizada na cidade de Campina Grande, a saber a Rádio Comunitária Ariús FM (87,9), mais precisamente dentro da programação denominada de “Uma Hora de Conversa”, que vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 12h as 13h. Este relato tenta levar o leitor a uma reflexão que gera bastante repercussão, pois as emissoras de rádio comunitárias possuem diferenças das comerciais. Para isso, esse artigo expõe os limites e possibilidades da comunicação comunitária cidadã na região periférica na qual a emissora se localiza, bem como os assuntos abordados, temas que são debatidos, a participação popular e etc. Difusão e valorização dos interesses culturais, viabilizando lutas e problemas da comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** educomunicação; rádio; cidadania; educação.

### **INTRODUÇÃO**

O rádio é um veículo de comunicação que permite aos ouvintes uma determinada proximidade, credibilidade e intimidade em seus mais diversos programas. Um grupo de 15 pessoas pode ouvir uma mesma mensagem radiofônica e interpretar cada uma de maneira diferente, como manifestação pessoal. Diante dessa realidade,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 5 – Rádio, TV e Internet do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante do 6º semestre do curso de Comunicação Social, com ênfase em Educomunicação (Pioneiro no país) pela UFCG - PB, email: edielsonricardo@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador e professor doutor do curso de Comunicação Social, com ênfase em Educomunicação (Pioneiro no país) pela UFCG – PB, e-mail: prnoujain@hotmail.com



verifica-se a necessidade de se trabalhar esse transmissor de áudio (o rádio) de uma maneira tal que suas funções e objetivos favoreçam e mantenham a sociedade informada. Sabe-se que toda mídia age diante dos ouvintes, leitores ou telespectadores em sua forma plena. A mídia influencia em todos os aspectos: pessoais, políticos, econômicos, estéticos, psicológicos, morais, éticos e sociais. Dessa forma é necessário que se faça uso adequado desse meio para que tenha-se uma comunicação que venha informar, educar e entreter de fato os ouvintes. E é diante dessa necessidade que surgiram as rádios comunitárias e suas finalidades são claras e a lei federal brasileira 9.612/98, apesar de todos os seus limites, prevê mecanismos que estimulam o cumprimento de tais propósitos. A autorização para funcionamento de uma rádio comunitária sai em nome de fundações e/ou associações, a programação deve ser de interesse social e cultural e que venha também facilitar o acesso não discriminatório do cidadão. Contudo, ocorre que indivíduos e instituições no Brasil – por interesses políticos, financeiros, religiosos ou de outro tipo - fazem uso dessa autorização para desenvolverem outras atividades. Esse mau uso da radiodifusão comunitária representa uma perda muito grande para a população na qual a emissora se localiza, pois os movimentos populares e as comunidades ficam sem voz e sem espaço para debaterem os mais diversos problemas que surgem.

## **OS OBJETIVOS DO RÁDIO LOGO APÓS O SEU SURGIMENTO**

Quando o rádio surgiu no início do século XX, seu principal objetivo era ser de cunho educativo. As primeiras emissoras tinham em sua programação programas que vinham informar, educar e entreter a população que fazia uso dessa mídia que revolucionou a época.

Na segunda década do século XX, os meios de comunicação tornaram-se acessíveis para muitos cidadãos. A radiodifusão brasileira estava sendo caracterizada por emissoras de rádio que transmitiam programas de educação com caráter formal (isto é, aquelas direcionadas aos que não buscam necessariamente a obtenção de um diploma, mas de conhecimento). Conforme Prado (2012)

o rádio atraía pelo seu vasto alcance geográfico, independentemente da distância entre o local em que dá a recepção e a localização dos centros de transmissores, e também pela facilidade de aprendizado das pessoas sem sair de suas casas/trabalhos (PRADO, 2012, p.34)



Nas décadas seguintes, com a evolução da tecnologia e da adaptação desse veículo de comunicação, o caráter educativo foi perdendo espaço e chegou-se então as inovações nos quatro cantos do Brasil e do mundo. Programas jornalísticos, radionovelas, programas de auditório, programas musicais foram tendo cada vez mais espaço nas rádios.

Mais tarde, com o surgimento da Televisão, posteriormente o da Internet, o rádio perdeu a exclusividade, contudo mantêm-se até os dias atuais presentes na vida de muitos cidadãos. Diante da realidade comercial na qual todas as emissoras radiofônicas se encontravam, surgiu anos depois as rádios comunitárias. As rádios comunitárias surgiram como um canal para a valorização e amplificação da cultura local, eventos da própria comunidade na qual estava localidade, divulgação de produtos e trabalhos dos ouvintes em seu redor e etc. Conforme Haussen

[. . .] a característica principal do veículo continua sendo a da proximidade com a comunidade local. Se a televisão aberta tomou para si o papel que a Rádio Nacional desempenhava, se a globalização e a tecnologia trazem cada vez mais as informações mundiais, cabe justamente ao rádio, devido às suas características inerentes, promover as informações locais [. . .] (HAUSSEN,2004, p. 61).

Nesta perspectiva, e conforme Peruzzo (1998), entende-se que essas transformações pelas quais o rádio passava e se adaptava com a finalidade de se fazer mais presentes do seu público, via-se esse novo modelo de rádio como uma

[. . .] forma de corresponder às necessidades de expressão e organização desse movimento de negação, e, ao mesmo tempo, de construção de uma sociedade nova. Está articulada a um processo de conscientização-organização mais amplo de setores de classes subalternas [. . .] (PERUZZO, 1998, p. 125).

Diante dessa realidade e observando os diversos caminhos pelos quais o rádio estava seguindo, surgiu então as Rádios Comunitárias. Estas surgirão com o objetivo de valorizar a cultura local, disseminar informação e educação sem fins lucrativos.



## A RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA NO BRASIL

Peruzzo (2006) destaca que, a radiodifusão comunitária se desenvolveu no Brasil a partir de experiências realizadas na década de 1970, época em que o poder político e econômico monopolizava todas as emissoras até então em funcionamento. Para esta autora, a proliferação atual de emissoras comunitárias “é o resultado de um processo de mobilização social por regulamentação da radiodifusão de baixa potência (Peruzzo, 1998b, p.92)”. Para ela, esta é uma das principais características que fundamentam a dinâmica do “fazer rádio comunitário” na atualidade.

Lopes Vigil (1995), diante de uma visão mais aberta sobre o papel das rádios darem mais espaços para os ouvintes, ressalta que

[. . .] tão comunitárias podem ser as rádios privadas quanto as públicas, as religiosas, as laicas, as universitárias, as municipais, as sindicais, as de propriedade cooperativa, de organizações populares, de ONG's, ou até mesmo, se três meninos se juntarem para fazer seu próprio transmissor (LOPES VIGIL, 1995, p.55)

Ainda, segundo o mesmo autor, uma emissora passa a ser mais flexível e dinâmica a partir do momento que o espaço é sempre aberto para debate e troca de ideias, pois

[. . .] toda voz, independentemente do canal por onde se transmite, pode enriquecer a opinião pública e favorecer as relações sociais (...) Tem uma quantidade impressionante de programas comunitários sintonizadas nas programações das emissoras comerciais [. . .] (LOPES VIGIL, 1995, p.52).

Mas, será fácil identificar uma rádio comunitária? Será que, apenas a denominação de “rádio comunitária”, faz de uma emissora ser de uso exclusivo para a comunidade? Lopes Vigil (1995) faz as seguintes observações para que de fato uma emissora comunitária seja usada unicamente para fins comunitários



Quando uma rádio promove a participação dos cidadãos e os mesmos definem seus interesses; quando responde aos gostos da maioria e faz do bom humor e a esperança sua primeira proposta; quando informa vorazmente; quando ajuda a resolver os mil e um problemas da vida cotidiana; quando em seus programas debatem todas as ideias e respeitam todas as opiniões; quando se estimula a diversidade cultural e não a homogeneização mercantil; quando a mulher é protagonista da comunicação e não uma simples voz decorativa ou um anúncio publicitário; quando não se tolera nenhuma ditadura, nem se quer a imposição musical; quando a palavra de todos é pronunciada sem discriminação e sem censuras; essa é uma rádio comunitária [ . . . ] (LOPES VIGIL, 1995, p.52)

É importante destacar que uma emissora radiofônica comunitária passa ao longo da sua programação passa por algumas evoluções, principalmente no começo dos trabalhos, essas evoluções pode-se citar o seguinte

A presença de uma emissora comunitária mesmo que não totalmente participativa, tem um efeito imediato na população. Pequenas emissoras geralmente começam a transmitir música na maior parte do dia, tendo assim um impacto na identidade cultural e no orgulho da comunidade. O próximo passo, geralmente associado à programação musical, é transmitir anúncios e dedicatórias, que contribuem para o fortalecimento das relações sociais locais. Quanto a esta cresce em experiência e qualidade, começa a produção local de programas sobre saúde ou educação. Isso contribui para a divulgação de informações sobre questões importantes que afetam a comunidade (DETONI, 2005, p.280)

Nesta citação acima, pode se observar que o relato é totalmente verídico. Emissoras comunitárias ou não sempre iniciam sua programação na ordem citada acima: músicas, logo em seguida anúncios e dedicatórias e por último é que começam com programas informativos e educativos. Com essa observação, constata-se que antes de tudo é necessário que tanto uma rádio ou os ouvintes se conheçam que tenham uma relação de confiança e credibilidade. O modelo exposto pode ser observado no início de transmissões de emissoras comerciais e nas diversas rádios comunitárias.

## **AS DIFERENTES RÁDIOS COMUNITÁRIAS**

Voltando a questão dos diferentes tipos de rádios, pode-se destacar diversas emissoras que não apenas estejam ligadas a comunidades para que assim sejam



consideradas comunitárias. Rádios universitárias, rádios alternativas, rádios cooperativas entre outros tipos também se enquadram no modelo comunitário, conforme declaração abaixo

Rádio comunitária, rádio rural, rádio cooperativa, rádio participativa, rádio livre, alternativa, popular, educativa... Se as estações de rádio, as redes e os grupos de produção que constituem a Associação Mundial de Rádios Comunitárias se referem a eles mesmos por meio de uma variedade de nomes, suas práticas e perfis são ainda mais variados. Algumas são musicais, outras militantes e outras musicais e militantes. Localizam-se tanto em áreas rurais isoladas, como no coração das maiores cidades do mundo. Seus sinais podem ser alcançados a uma distância de apenas um quilômetro, na totalidade do território de um país ou em outros lugares do mundo via ondas curtas. Algumas estações pertencem a organizações sem fins lucrativos ou a cooperativas cujos membros constituem sua própria audiência. Outras pertencem a estudantes, universidades, municipalidades, igrejas ou sindicatos. Há estações de rádio financiadas por doações provenientes de sua audiência, por organismos de desenvolvimento internacional, por meio de publicidade e por parte de governos (AMARC, 2006)

A rádio comunitária é uma concessão pública – como as demais emissoras – que se mostra como um canal de comunicação que vem trazer oportunidades de se comunicar através das ondas radiofônicas, além de proporcionar à população a possibilidade de fazer sua própria comunicação. Por meio destas rádios comunitárias e outras formas de comunicação popular é possível fazer uma outra programação nas emissoras de rádios.

Peruzzo (2006) destaca algumas sugestões para que se possa colocar em prática o princípio comunitário e favorecer o processo educativo e informativo

- a) O meio comunitário de comunicação deve servir de canal para o exercício da liberdade de expressão do cidadão e das organizações coletivas comprometidas com ações de interesse social;
- b) Instituir a propriedade coletiva e práticas participativas na gestão e na programação, de modo que a emissora não se caracterize como pertencente a pessoas individualmente.
- c) Abrir espaços para participação direta dos cidadãos no microfone (na página do jornal ou na tela da televisão ou do computador) para que expressem seus pontos de vista, suas conquistas, suas reivindicações, suas alegrias etc.
- d) Conceder espaço para a difusão de programas produzidos autonomamente por cidadãos, grupos de jovens e organizações coletivas da localidade. É importante zelar pela distribuição igualitária e plural deste tipo de espaço na grade de programação para que a rádio não se caracterize como tendenciosa, seja no sentido político, religioso ou outro.
- e) Criar canais (diretorias colegiadas, conselhos, comissões, assembleias,



entre outros) para viabilizar a participação efetiva do cidadão e de suas entidades representativas nas instâncias de planejamento e gestão da emissora; f) Criar uma rede de repórteres populares (ou correspondentes populares<sup>10</sup>) constituída a partir de representantes de entidades civis organizadas e/ou por zonas geográficas ou bairros, setores, quadras, ruas etc. Esta iniciativa representa excelente mecanismo para manter programas jornalísticos sintonizados com a realidade local, ao mesmo tempo em que é favorecida a participação popular na programação (PERUZZO, 2006, pág. 9).

Nestas primeiras declarações verifica-se novamente a real necessidade de se ter um espaço onde o emissor abra espaço para que o ouvinte não apenas seja receptor, mas que venha expor sua posição, suas idéias, sua visão diante do que fora enunciado. Também é dito aqui que é de suma importância que se crie diretorias para que assim sejam debatidas novas formas de gerenciar a emissora e de estimular a participação popular onde os ouvintes sejam os próprios repórteres da comunidade passando informação e democratizando o meio. A teórica segue afirmando que

g) Criar sistemáticas de reuniões ampliadas de pauta (ou seja, para além da equipe gestora, contando com a participação de representantes<sup>11</sup> das organizações locais) para discussão dos assuntos a serem divulgados pelos programas jornalísticos; h) Dar prioridade a conteúdos de interesse público local centrado na informação de qualidade; explorar mensagens educativas sobre assuntos e situações vividos em cada localidade (prevenção de doenças, perigos que o tráfico de drogas pode representar, principalmente, aos jovens, adolescentes e crianças etc.); tratar de temas que dizem respeito à realidade concreta da localidade onde a emissora se situa principalmente assuntos que quase não têm espaço na grande mídia, ou seja, aqueles relacionados às atividades das organizações dedicadas a trabalhos visando o bem estar coletivo e à vida do “povo”, seu modo de ser, sua cultura. Neste sentido, cabe falar não só de problemas, mas também das festas do “povo”, e das conquistas dos movimentos populares. Cabe ainda prestar serviços de utilidade pública de acordo com a realidade de cada lugar. Há casos de rádios que avisam o dia de consultas marcadas em postos de saúde, mandam recados para parentes, ajudam a localizar crianças perdidas, devolvem documentos achados, fazem campanhas educativas etc. O importante é que cada rádio comunitária tenha a cara do seu lugar; i) Fornecer entretenimento que não agrida valores éticos e o respeito às pessoas em suas diferenças (idade, cor, gênero, nacionalidade, crenças, escolaridade, condição financeira etc.) (PERUZZO, 2006, pág. 9).

Na citação acima, é informado sobre as diversas ações que uma emissora de cunho comunitário poderá realizar, dentre elas a de divulgação de campanhas sociais. As campanhas sociais, sejam elas educativas ou da área da saúde é de primordial valor. Visto que é a partir destas iniciativas que a população se sente mais motivada a se engajar ativamente. Outro serviço prestado de bastante valor é a programação de entretenimento, que muitas vezes não são realizadas pela grande mídia para as



comunidades afastadas dos grandes centros urbanos. A seguir, segue outras características da comunicação comunitária

j) Dar espaço para a difusão da criatividade popular, como por exemplo, a música, peças teatrais e outras formas de produção artística, científica e técnica geradas na própria “comunidade. k) Atuar de modo integrado com as organizações sociais sem fins lucrativos atuantes na “comunidade”, de modo que a comunicação se realize como expressão das lutas coletivas locais e não como meio de comunicação exterior ou descolado do processo de mobilização social. Portanto, abre-se uma oportunidade ímpar para a prática do jornalismo público, orgânico e comprometido com as mudanças sociais; l) Contribuir para mobilizar os cidadãos e entidades sem fins lucrativos para a utilização e empoderamento da rádio comunitária e de outros meios de comunicação (TV comunitária, internet etc.) com finalidades educativas e de desenvolvimento cultural; m) Discutir e optar por formas de arrecadação e aplicação de recursos que não comprometam o caráter público da emissora e que, ao mesmo tempo, viabilizem o seu funcionamento. Se a rádio comunitária se submeter aos mecanismos mercantilistas convencionais, provavelmente, sua perspectiva pública e comunitária poderá ser comprometida. Assim sendo, há que se ter princípios e práticas que garantam a aplicação de recursos somente para despesas de custeio, manutenção e re-investimento em equipamentos, e não para o lucro particular (PERUZZO, 2006, pág. 10).

Um veículo de comunicação traz uma nova visão e uma leitura de mundo antes não vista nem tampouco realizada seja em qualquer lugar que esta vier a se instala. Uma emissora comunitária deve, como afirma Peruzzo (2000) acima, trabalhar com as organizações sociais sem fins lucrativos, valorizar a criatividade popular. Desta forma teremos uma comunicação mais educativa, que valoriza a cultura local e que acima de tudo realiza uma programação séria e comprometida com os ouvintes. Finalizando as declarações sobre uma emissora comunitária é dito que

n) Zelar pela participação ativa e com poder de decisão dos cidadãos (eleitos como representantes por entidades ou em assembléias) em todas as instâncias deliberativas de gestão da emissora (conselhos, reuniões, assembléias), pois uma rádio comunitária feita coletivamente revela-se extremamente educativa para todos os envolvidos e também para os ouvintes; o) Zelar pela autonomia política em relação a empresas, poder público, partidos políticos, igrejas etc.; p) Oferecer treinamento por meio de cursos de curta duração a membros da “comunidade” para que muitas pessoas possam se capacitar e aperfeiçoar seus conhecimentos e se sentirem mais aptas para atuar na emissora; q) Criar mecanismos de avaliação de programas e da atuação da rádio como um todo, com participação aberta a pessoas da “comunidade”. A avaliação é uma maneira eficaz para se analisar o desempenho, corrigir erros e distorções e conduzir a emissora em direção ao aperfeiçoamento constante; r) Difundir conhecimentos e fatos que, embora gerados fora no âmbito comunitário, fazem sentido localmente e podem contribuir para aumentar o nível de informação e consciência crítica (PERUZZO, 2006, pág. 10).





Diante de tudo que fora visto acima, e com o objetivo de praticar e desenvolver uma comunicação diferenciada e que tenha compromisso de informar, educar e entreter foi criado o Programa Uma Hora de Conversa na Rádio Ariús FM (87,9 FM) em Campina Grande (PB).

### **O PROGRAMA UMA HORA DE CONVERSA NA RÁDIO ARIÚS (87,9 FM), EM CAMPINA GRANDE (PB)**

O programa vai ao ar todas de segunda a sexta-feira, das 12 às 13 horas, e têm como objetivo informar, educar e entreter os ouvintes de forma diferenciada, ou seja, que venha a ser de cunho diferenciado das demais rádios existentes na cidade. Onde se possa transmitir uma programação de interesse social vinculada à realidade local, sem fins lucrativos, contribuindo tão somente para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação formal e informal e o nível de cultura dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas. Enfim, a programação que é bem diversificada tematicamente é baseada em princípios da comunicação libertadora que tem como norte a ampliação da cidadania. Carregando, aperfeiçoando e recriando o conhecimento gerado pela comunicação comercial educativa. É importante lembrar aqui novamente que as emissoras que iniciaram suas atividades na década de 20 se organizavam enquanto sociedades civis ou clubes, tendo na difusão cultural seus atributos elementares. Portanto, as primeiras emissoras de rádio tinham como princípio o caráter educativo e aqui se mantém o modelo de programação inicial

Há um revezamento durante a semana entre os locutores, que por sinal são estudantes de comunicação. A oportunidade de ficar a frente do programa serve como estágio e experiência profissional para os graduandos. O script do programa baseia-se em conteúdos de cunho educativo, tais como: informações de congressos, seminários, dicas ou dúvidas comuns referentes a temas da atualidade ou que geram dúvidas na comunidade estudantil de maneira geral, quadros de participação cidadã, entrevistas e debates com especialistas nas mais diversas áreas do conhecimento entre outras metodologias que são usadas para diversificar e expandir os conhecimentos através das



ondas do rádio para a sociedade em geral. E, dessa forma, obtêm-se uma comunidade mais crítica a respeito dos mais diversos temas e questões da atualidade, ouvintes que escutam a programação e fazem uso do que está sendo veiculado e a partir de então o público torna-se mais crítico e consciente do papel de cada indivíduo na comunidade na qual a rádio se localiza. E dentro da proposta educ comunicativa que nas palavras de Ismar de Oliveira Soares (2011, p. 22), educomunicação define-se como um conjunto de ações destinadas a “integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação [...]; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos [...]; e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas[...]”, como o uso de recursos de comunicação (rádio, jornal, vídeo, internet) no processo de aprendizagem.

Em suma, sua linha editorial é baseada no tripé informação, prestação de serviços e programas culturais/educativos.

A radiodifusão educativa vem sendo utilizada na busca da pluralidade e democracia da comunicação, visando o interesse público e como instrumento de complemento da educação formal. A emissora é da comunidade, com uma programação composta por jornalismo; prestação de serviços; programas culturais/educativos, atendendo ao mesmo tempo a população em geral, sem deixar de atender as chamadas “minorias” e isso é facilmente identificado na programação.

A partir disso foi feito esse trabalho que visa o estudo e às contribuições educ comunicativas nesse programa, tendo como fundamentação teórica uma dos eixos que norteiam esse novo ecossistema comunicativo que seu pressuposto é que não há como educar sem se comunicar e a partir do momento que se comunica, deve-se buscar maneiras mais interativas de chamar a atenção de seus ouvintes. Através do uso do rádio se busca um meio de interação que envolva inúmeras possibilidades criativas que é o que se constata diariamente na programação radiofônica destacada. Além de se desenvolver uma visão crítica da mídia, ensinando a se relacionar com ela e fazendo uso educativo e democrático da mesma.

Através desse viés e com tais objetivos e práticas aqui relatados o Programa Uma Hora de Conversa vem obtendo êxito, e continua com suas práticas educativas e comunicativas através de uma emissora de rádio e sob a orientação de um professor da instituição de ensino superior, e os alunos comandam a programação diariamente.



## CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo informar e levar os leitores a uma reflexão sobre os diferentes tipos de rádio comunitária existentes e o seu compromisso para com a sociedade, além de relatar as experiências educacionais do Programa Uma Hora de Conversa, que vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 12h às 13h, na Rádio Comunitária Ariús FM, localizada na cidade de Campina Grande (PB). O programa é apresentado por alunos do curso de Comunicação Social, com ênfase em educação (Pioneiro no país) da Universidade Federal de Campina Grande e que buscam resgatar o princípio básico da radiodifusão comunitária. Através de estudos, pesquisas e participações da comunidade na qual a emissora se localiza, estes discentes vem obtendo êxito e dando voz aos que mais precisam. Debates educativos com diversos profissionais de áreas especializadas, professores e representantes de outras comunidades. Dessa forma, sentiu-se a necessidade de expandir e fazer conhecido esta programação comunitária que surte efeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARC - Associação Mundial de Rádios Comunitárias. **O que é uma rádio comunitária?** Disponível em <http://brasil.amarc.org/quemsomos.php> Acesso em: 04 fev. 2014.

DETONI, Márcia. **Radiodifusão comunitária:** baixa potência, grandes mudanças? – estudo do potencial das emissoras comunitárias como instrumento de transformação social. São Paulo: ECA-USP, 2—4.136 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social).

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração.** In: FILHO, André Barbosa. PIOVESAN, Angelo. BENETON Rosana (orgs) Rádio. Sintonia do Futuro. São Paulo: Paulinas, 2004.

LOPEZ VIGIL, José L. **¿Qué hace comunitaria a una radio comunitaria?** In: Chasqui Revista Latinoamericana de Comunicação, n. 52, nov. 1995. Quito, Ecuador: Editorial QUIPUS/CIESPAL.

PERUZZO, Círcia M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis: 3º Ed. Vozes, 1998.

PERUZZO, Círcia M.K. **Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão.** Portal Mídia Cidadã. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp, 2005.



Disponível em: [http://www2.metodista.br/unesco/agora/agora\\_agora.htm](http://www2.metodista.br/unesco/agora/agora_agora.htm) . Acesso em: 02 mar.2014.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, a aplicação, o profissional**. Paulinas, 2011.